

HUMANAS E SOCIAIS  
V.12 • N.3 • 2025 • Publicação Contínua

ISSN Digital: 2316-3801  
ISSN Impresso: 2316-3348  
DOI: 10.17564/2316-3801.2025v12n3p457-470



## PÓS-VERDADE, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS FICTÍCIAS: O CASO DA TELENOVELA “PÉ DE CHINESA”, EM AGOSTO DE 2024

POST-TRUTH, ARTIFICIAL INTELLIGENCE, AND THE  
CONSTRUCTION OF FICTIONAL NARRATIVES: THE CASE OF THE  
SOAP OPERA “PÉ DE CHINESA”, AUGUST 2024

POSVERDAD, INTELIGENCIA ARTIFICIAL Y LA CONSTRUCCIÓN DE  
NARRATIVAS FICTICIAS: EL CASO DE LA TELENOVELA “PÉ DE  
CHINESA”, EN AGOSTO DE 2024

Diogo Pereira da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

As plataformas digitais e as práticas colaborativas transformaram a produção e a legitimação de narrativas, borrando os limites entre fato e ficção. Este artigo busca responder: como narrativas fictícias, potencializadas por inteligência artificial e algoritmos de engajamento, desafiam os critérios tradicionais da historiografia? Para isso, aplica-se a Análise de Discurso a um corpus de reportagens jornalísticas publicadas entre 28/08 e 02/09/2024, que documentaram a criação e viralização da novela inexistente *Pé de Chinesa*. O estudo identifica que conteúdos hiper-realistas, gerados por IA e reforçados pela lógica algorítmica e pela coautoria digital, alcançaram status de verossimilhança desvinculado de fatos. Conclui-se que a proliferação de narrativas sintéticas exige protocolos de autenticação, curadoria digital e educação midiática para preservar a integridade histórica e orientar a historiografia digital frente à desinformação.

### PALAVRAS-CHAVE

Análise de Discurso. Historiografia Digital. Infocracia. Inteligência Artificial. Pós-Verdade.

## ABSTRACT

Digital platforms and collaborative practices have transformed how narratives are produced and legitimized, blurring the boundaries between fact and fiction. This article asks: how do fictional narratives, amplified by artificial intelligence and engagement algorithms, challenge traditional historiographical criteria? To address this, Discourse Analysis is applied to a corpus of journalistic reports published between 08/28 and 09/02/2024, which documented the creation and viralization of the fictional soap opera *Pé de Chinesa*. The study finds that hyper-realistic content generated by AI, reinforced by algorithmic logic and digital co-authorship, achieved a perception of truth detached from factual grounding. It concludes that the proliferation of synthetic narratives demands authentication protocols, digital curation, and media literacy to safeguard historical integrity and guide digital historiography in the face of disinformation.

## KEYWORDS

Artificial Intelligence; digital historiography; Discourse Analysis; infocracy; post-truth.

## RESUMEN

Las plataformas digitales y las prácticas colaborativas han transformado la forma en que las narrativas se producen y se legitiman, difuminando los límites entre hecho y ficción. Este artículo plantea la pregunta: ¿cómo las narrativas ficticias, amplificadas por inteligencia artificial y algoritmos de compromiso, desafían los criterios historiográficos tradicionales? Para responderla, se aplica Análisis del Discurso a un corpus de reportajes periodísticos publicados entre el 28/08 y el 02/09/2024, que documentaron la creación y viralización de la telenovela ficticia *Pé de Chinesa*. El estudio revela que contenidos hiperrealistas generados por IA, reforzados por la lógica algorítmica y la coautoría digital, alcanzaron una percepción de verdad desconectada de la base factual. Se concluye que la proliferación de narrativas sintéticas exige protocolos de autenticación, curaduría digital y alfabetización mediática para salvaguardar la integridad histórica y orientar la historiografía digital ante la desinformación.

## PALABRAS-CLAVE

Análisis del discurso; historiografía digital; infocracia; inteligencia artificial; posverdad.

## 1 INTRODUÇÃO

O uso intensivo de mídias sociais e tecnologias digitais transformou radicalmente a criação, circulação e legitimação de narrativas. Como analisa Byung-Chul Han (2022), a avalanche de informações fragmentadas substitui a racionalidade discursiva pela viralidade afetiva, dissolvendo os limites entre realidade e ficção. Nesse contexto, narrativas como a de “Pé de Chinesa” – uma novela inexistente que se tornou fenômeno cultural nas plataformas digitais – emergem e ganham legitimidade simbólica, independentemente de seu lastro factual.

O caso analisado ilustra como a inteligência artificial e a lógica algorítmica das *Big Techs* amplificam conteúdos capazes de maximizar engajamento, reconfigurando a produção do conhecimento e a memória coletiva. Como aponta Manuel Castells (2006), a comunicação na Era da Informação é descentralizada, permitindo que múltiplos atores – indivíduos, corporações e movimentos – disputem narrativas sobre o passado. Essa disputa é intensificada pelo que Han (2022) chama de infocracia, regime no qual a abundância de dados fragmenta a esfera pública e cria um “espaço hiper-real” em que a factualidade perde relevância.

Essa transformação se insere em uma mudança estrutural da sociedade contemporânea. Conforme argumenta Manuel Castells (2006, p. 18), na “Era da Informação”, a comunicação torna-se descentralizada e modelada por redes interativas de indivíduos, corporações e movimentos políticos, que disputam ativamente a reconfiguração do passado. A multiplicação de versões concorrentes de eventos históricos reflete essa nova lógica comunicacional.

Para Byung-Chul Han, a dinâmica digital contemporânea insere-se na lógica da infocracia, na qual o excesso de dados fragmenta a esfera pública e dissolve a distinção entre o real e o fabricado. Impulsionada por algoritmos que privilegiam o engajamento afetivo, a circulação massiva de dados desconectados da realidade produz um “espaço hiper-real”:

Passam a circular, então, informações totalmente desacopladas da realidade, formando um espaço hiper-real. A crença na *facticidade* foi perdida. Vivemos, assim, em um universo *desfactuado*. Ao fim e ao cabo, com o desaparecimento das verdades factuais, desaparece também o *mundo comum* no qual podíamos nos reportar em nossa ação. (Han, 2022, p. 81-82).

Essa lógica é operacionalizada pela chamada economia da atenção, como discutido por Kaufman e Santaella (2020), segundo a qual a maximização do tempo de permanência e do engajamento emocional torna-se o critério central da circulação informacional. Nesse contexto, narrativas construídas como “Pé de Chinesa” adquirem força não por seu lastro factual, mas pela sua capacidade de mobilizar afetos e integrar-se rapidamente aos repertórios culturais digitais.

Para examinar essas dinâmicas, o estudo adota a Análise de Discurso (Orlandi, 2009) e formula a seguinte questão: como práticas digitais de produção e disseminação de conteúdos fictícios, impulsionadas por IA e algoritmos, desafiam os critérios tradicionais de validação histórica? O objetivo é

analisar o caso “Pé de Chinesa” como exemplo de desinformação cultural e refletir sobre os desafios que a historiografia digital enfrenta para lidar com conteúdo manipulado.

O artigo ainda discute o papel das *Big Techs* na legitimação de discursos, observando, como alerta Morozov (2018), que os algoritmos priorizam engajamento em detrimento de verificação, e como Keen (2009) denuncia a erosão da autoridade dos especialistas em um ambiente no qual qualquer narrativa pode disputar espaço com o conhecimento acadêmico.

Dessa forma, esta pesquisa não se limita à compreensão do caso específico de “Pé de Chinesa”, mas amplia a reflexão crítica sobre os desafios impostos pelas tecnologias digitais à produção historiográfica. Pretende-se contribuir para o debate sobre a preservação da integridade do conhecimento histórico em um cenário no qual narrativas virais moldam a percepção pública do passado, exigindo novos critérios para a curadoria, validação e crítica das fontes digitais no atual regime de informação.

O artigo está organizado da seguinte forma: as considerações metodológicas descrevem as etapas da pesquisa e o corpus analisado; a seção “Trajetórias Discursivas de Pé de Chinesa” apresenta os principais resultados; a seção “A Pós-Verdade e a Construção de Narrativas Digitais” discute as implicações teóricas; e, por fim, a conclusão sintetiza os achados e aponta caminhos para a historiografia digital.

## 2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este estudo adota a Análise de Discurso como método investigativo, fundamentando-se nas posições de Eni Orlandi (2009), para compreender como narrativas são produzidas, disseminadas e legitimadas no ambiente digital. Essa abordagem permite examinar a relação entre linguagem, ideologia e sujeito, observando as condições históricas de produção discursiva e os mecanismos que conferem sentido e autoridade às construções narrativas.

No contexto da sociedade hiperconectada, marcada pela fragmentação informacional e pela chamada economia da atenção (Kaufman; Santaella, 2020), a Análise de Discurso oferece ferramentas teóricas essenciais para investigar como os sentidos circulam, disputam espaços e se consolidam em ambientes permeados por disputas simbólicas e estratégias de validação social. A vertente francesa da Análise de Discurso, proposta por Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Orlandi, estrutura-se na confluência de três eixos teóricos: o materialismo histórico e dialético, a linguística estrutural e a psicanálise. Esse enquadramento rompe com a concepção de linguagem como um sistema autônomo e transparente, compreendendo os discursos como produtos histórica e ideologicamente constituídos (Orlandi, 2009, p. 19–20).

O procedimento metodológico foi organizado em três etapas principais: (1) delimitação do corpus e pré-análise; (2) exploração do material; e (3) tratamento e interpretação dos resultados.

Na primeira etapa, delimitou-se o corpus composto por reportagens jornalísticas que documentaram a repercussão do caso “Pé de Chinesa” em redes sociais (Twitter/X, TikTok, Instagram e YouTube) e fóruns digitais, no período de 14 de agosto a 2 de setembro de 2024 – intervalo que concentra a origem e o pico de viralização do fenômeno. Foram incluídas reportagens publicadas

entre 28/08 e 02/09/2024, em portais de grande circulação (Caras, Terra, Quem, UOL), que descreviam ou analisavam a narrativa.

Excluíram-se publicações opinativas em blogs, threads de redes sociais e posts sem referência em reportagens jornalísticas. A busca foi feita em Google e agregadores de notícias com os termos: “Pé de Chinesa”, “novela fake”, “fake novela” e “Gloria Perez Pé de Chinesa”. Ressalta-se que não houve coleta direta de postagens em redes sociais; o material examinado consiste em reportagens que registraram e sintetizaram a repercussão digital.

A segunda etapa consistiu na codificação e categorização do corpus, orientada por duas dimensões da Análise de Discurso: a interdiscursiva (relações com repertórios midiáticos, como o formato das novelas e o culto às celebridades) e a intradiscursiva (coerência interna da narrativa, padrões lexicais, metáforas e analogias visuais criadas com IA). Essa etapa buscou mapear os elementos que reforçaram a verossimilhança da novela inexistente.

A terceira etapa concentrou-se na análise dos processos de legitimação discursiva e da memória interdiscursiva, examinando como os algoritmos das Big Techs, a repetição sistemática de padrões discursivos e a apropriação de convenções midiáticas amplificaram a narrativa e a transformaram em uma “verdade” compartilhada.

Crítérios de identificação de falsos e *deepfakes*: a classificação dos conteúdos como falsos baseou-se na ausência comprovada de qualquer produção real chamada “Pé de Chinesa” (confirmada inclusive por declarações públicas de Gloria Perez) e nas reportagens jornalísticas que apontaram explicitamente o uso de imagens geradas por IA e vídeos *deepfake*. A identificação dos *deepfakes* e imagens sintéticas seguiu o reconhecimento dos próprios veículos de imprensa, que descreveram a origem do material em ferramentas de IA generativa e contextualizaram a natureza fictícia do conteúdo.

Em termos práticos, a pesquisa (i) coletou reportagens jornalísticas que consolidaram e documentaram o fenômeno (fase 1); (ii) codificou e categorizou o corpus, mapeando recursos discursivos e visuais (fase 2); e (iii) interpretou os resultados, relacionando-os aos conceitos de pós-verdade, infocracia e validação algorítmica (FASE 3).

### 3 TRAJETÓRIAS DISCURSIVAS DE “PÉ DE CHINESA”

A análise da telenovela fictícia “Pé de Chinesa” revelou três dimensões interdependentes na construção e disseminação de narrativas digitais, evidenciando o papel decisivo das tecnologias emergentes, das dinâmicas algorítmicas das plataformas e da participação ativa dos usuários na consolidação de discursos desprovidos de base factual.

O primeiro aspecto identificado refere-se ao funcionamento algorítmico das plataformas digitais. Redes sociais como *Twitter/X* e *TikTok* desempenharam papel central nesse processo, promovendo conteúdos que reforçavam a autenticidade aparente da novela fictícia, mesmo sem qualquer lastro factual. Conforme observa Cass R. Sunstein (*apud* Kaufman; Santaella, 2020, p. 8-9), a estrutura algorítmica é projetada para maximizar o tempo de permanência dos usuários, favorecendo a rápida

circulação de narrativas emocionalmente engajadoras, como ocorreu no caso de “Pé de Chinesa”.

O segundo aspecto diz respeito à utilização intensiva de tecnologias de inteligência artificial e técnicas de *deepfake*. Foram identificadas dezenas de postagens contendo cartazes fictícios, trailers simulados e entrevistas falsas, todos gerados por IA. Esses materiais ampliaram significativamente a verossimilhança da narrativa, tornando a distinção entre realidade e fabricação digital cada vez mais complexa. Essa estratégia de hiper-realização ilustra a condição descrita por Byung-Chul Han (2022, p. 25-46) como infocracia, na qual a superprodução de informação dissolve os referenciais factuais, substituindo a verificação empírica pela recorrência e pelo impacto emocional.

O terceiro aspecto analisado foi a atuação ativa da comunidade digital na construção e expansão da narrativa. A disseminação de “Pé de Chinesa” não resultou somente do compartilhamento passivo, mas de uma prática de coautoria digital. Usuários colaboraram na criação de novos elementos narrativos, reforçando o sensacionalismo, o apelo afetivo e a lógica da pós-verdade, em que a credibilidade passou a depender mais da adesão emocional do que da verificação dos fatos.

Os dados analisados demonstram que “Pé de Chinesa” não foi um fenômeno isolado, mas um exemplo paradigmático da construção coletiva de realidades paralelas, sustentadas pela convergência entre inteligência artificial, algoritmos de engajamento e práticas colaborativas de redes sociais. Esse caso reflete um modelo mais amplo de atuação das plataformas digitais na legitimação de discursos desprovidos de base factual, tornando a desinformação cultural um desafio crescente para a historiografia digital.

A análise evidencia que, ao permitir que narrativas fictícias adquiram legitimidade por meio da circulação massiva, da mobilização afetiva e da coautoria coletiva, o ambiente digital contemporâneo desafia profundamente os critérios tradicionais de verificação histórica. Nesse cenário, impõe-se a necessidade urgente de desenvolver novos parâmetros críticos para a curadoria, análise e validação de fontes na era da informação e da hiper-realidade digital.

## 4 A PÓS-VERDADE E A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS DIGITAIS

A era digital transformou profundamente os processos de produção, circulação e legitimação de narrativas. Tecnologias como a inteligência artificial e os deepfakes tornaram-se centrais na amplificação discursiva, impulsionando fenômenos característicos da pós-verdade. Conforme observa Stuart Sim (2019), a verdade passa a ser sustentada pela recorrência e pela carga emocional da circulação, não pela verificação factual. O caso de *Pé de Chinesa* ilustra esse fenômeno, ao mostrar como conteúdos sintéticos adquiriram legitimidade no ecossistema digital em agosto de 2024.

A narrativa surgiu de forma colaborativa, como relatou Valéria Abreu (Terra, 2024): Alex Alves, criador do perfil “Baú Esquizo”, reuniu ideias de internautas, transformando-as em vídeos diários que rapidamente viralizaram.

O que aconteceu foi que em março deste ano, uma criação de várias pessoas aconteceu

no fórum Pan. O que eu fiz foi retomar essa criação antiga, que nasceu nesse fórum, há alguns dias e transformar em vídeos narrados por mim na minha página, o Baú Esquizo”, disse ele. E continuou: “Todos os dias surgiam mais e mais conteúdos feitos por diversas pessoas no Twitter (X), como a abertura. Fui fazendo vídeos diários e a coisa repercutiu muito. Saiu de controle e agora está como está”. (França, 2024, on-line).

A inteligência artificial desempenhou papel central nesse processo, oferecendo ferramentas sofisticadas para a criação de conteúdos hiper-realistas. A produção de trailers e imagens buscou simular a estética de produções televisivas, tornando a ficção verossímil para o público conectado.

Em contato com a CARAS Brasil, a autora de novelas foi pega de surpresa com esses boatos, Gloria [Perez] responde que essas afirmações não procedem e, em poucas palavras, declara: “Que besteiro! Meus haters já foram mais criativos”.

Mesmo a autora negando que escreverá “Pé de Chinesa”, os internautas, com ajuda das ferramentas de inteligência artificial, começaram a divulgar diversas imagens da suposta produção. Inclusive, com direito a abertura, escalação e trilha sonora. O que não passa de uma fake news, mas que vem rendendo alguns memes nos ambientes digitais. (França, 2024, on-line).

Esse fenômeno revela que a IA não atua somente como um reprodutor técnico, mas como um agente ativo na reformulação e adaptação de narrativas. A utilização de *deepfakes* e imagens manipuladas contribuiu para consolidar a narrativa de “Pé de Chinesa” como evento legítimo na memória discursiva coletiva, explorando repertórios sedimentados atuando em uma lógica interdiscursiva.

A narrativa de “Pé de Chinesa” dialogava com repertórios pré-existentes do imaginário midiático brasileiro – como a existência de telenovelas de Glória Perez que exploravam culturas orientais (como “O Clone” (2001) e “Caminho das Índias” (2009)), a presença de celebridades e a estética televisiva –, o que facilitou o seu diálogo com elementos da memória discursiva coletiva. A utilização de IA para simular trailers e a caracterização dos personagens explorou essa memória já sedimentada, favorecendo a assimilação da narrativa como um evento legítimo no espaço digital.

Além disso, o fenômeno se insere no diagnóstico de Evgeny Morozov (2018) sobre a instrumentalização das plataformas digitais. A lógica algorítmica prioriza conteúdos engajadores, promovendo a viralização de informações fabricadas em detrimento de sua veracidade. O caso de “Pé de Chinesa” mostra como a adaptação contínua da narrativa pelos usuários, em resposta à lógica algorítmica, instaurou um ciclo dinâmico de reconfiguração e expansão, solidificando a presença de “Pé de Chinesa” no imaginário digital.

Vídeos criados a partir de inteligência artificial simulam uma telenovela estrelada pelos ex-BBBs Jade Picon e Davi Brito. Os posts, que viralizaram nesta semana, são falsos. Trata-se de uma brincadeira de usuários nas redes. “Viva a imaginação”, escreveu Glória Perez ao compartilhar um dos vídeos em que há uma simulação da abertura da novela, apelidada de “Pé de Chinesa”. O vídeo mostra a escalação do elenco fictício: Maya Massafra, Giovanna

Antonelli, Fernanda Montenegro, Bruna Marquezine, Viih Tube, Marina Ruy Barbosa, Neuza Borges, Igor Rickli, Gkay e outras celebridades. Nos créditos da falsa novela, Perez aparece como autora. A trama se passaria na China. A música de tema é “Lig-Lig-Lig-Lé”, de Adriana Calcanhotto, na versão de Ney Matogrosso. (Redação do G1, 2024, on-line)

Essa dinâmica de circulação e consolidação discursiva reforça a noção de produção da verdade. No caso analisado, *deepfakes* e imagens geradas por IA não somente simulavam provas visuais da existência de “Pé de Chinesa”, mas construíam registros midiáticos persistentes que consolidavam a narrativa no repertório simbólico digital.

A mídia tradicional também atuou como vetor de legitimação. Reportagens de Caras, G1, Terra e Quem trataram o caso como curiosidade cultural, mas ao replicarem imagens sem contextualização acabaram naturalizando a ficção como fato (Paula, 2024; Pazin, 2024; Redação do G1, 2024; Souza, 2024). Isso reflete, como nota Byung-Chul Han (2022), a substituição da racionalidade crítica pela circulação de afetos em um ambiente saturado de informação.

Conforme aponta Byung-Chul Han (2022, p. 95), a superabundância de informações fragmentadas dissolve a esfera pública e favorece a circulação de afetos em detrimento da racionalidade crítica. A multiplicação de narrativas sintéticas, fomentada por tecnologias digitais e impulsionada pela lógica da atenção algorítmica, compromete a credibilidade das informações e desafia profundamente os métodos tradicionais de validação historiográfica.

Um exemplo dessa nova dinâmica pode ser observado na Figura 1 – na qual temos um frame de um vídeo com 1 minuto e 14 segundos – que simula a abertura da novela fictícia. A estrutura do vídeo respeita a lógica narrativa das aberturas tradicionais de telenovelas brasileiras, incluindo sequências de cenas em câmera lenta, closes nos rostos dos personagens e transições suaves entre imagens.

Além disso, a Figura 2 apresenta personalidades artísticas conhecidas caracterizadas como personagens da suposta novela, utilizando trajes e cenários que remetem a símbolos orientais, como flores de lótus, lanternas chinesas e padrões geométricos inspirados na cultura asiática, reforçando o enraizamento cultural da encenação.

**Figura 1** – Frame da falsa abertura de “Pé de Chinesa”



Fonte: Souza (2024).

**Figura 2** – Jade Picon (à esquerda) e Davi Brito (à direita) em imagens criadas por inteligência artificial



Fonte: Redação do G1 (2024).

As imagens apresentam características estéticas fortemente associadas à linguagem visual das telenovelas reais, como o uso de filtros de luz difusa para suavizar os contornos, paletas de cores saturadas que evocam dramaticidade emocional, tipografias serifadas ou cursivas semelhantes às usadas em aberturas clássicas, além de enquadramentos de elenco em poses heroicas ou românticas, típicos de materiais promocionais televisivos. A construção gráfica das imagens – incluindo o tratamento das fontes, a ambientação visual dos cenários e a composição dos personagens – respeita padrões estéticos reconhecíveis pela audiência, aumentando o grau de identificação simbólica.

Essa mimetização gráfica reforça a verossimilhança da produção e dificulta a distinção entre realidade e fabricação digital, especialmente em ambientes de consumo rápido de informações, como redes sociais. No contexto das redes, as produções não somente imitam a realidade, mas que se impõem como “mais reais que o real”, diluindo os critérios de autenticidade e tornando o discernimento factual ainda mais desafiador na cultura digital contemporânea.

Ademais, outras linhas de análise poderiam ser abertas, a partir das considerações acerca do *yellowface* pelo qual algumas das imagens dos artistas foram retratadas; e mesmo de uma profusão de usos de símbolos orientais que evocam as discussões acerca do Orientalismo, como proposto por Edward Said, no final da década de 1978 (Said, 1990)

Assim, os resultados desse estudo demonstram como o atual regime de informação reconfigurou profundamente os processos de produção e legitimação de narrativas, ampliando o impacto das *fake news* e consolidando novas formas de validação discursiva.

Batizada como a “nova novela das nove”, “Pé de Chinesa” está confundindo a audiência. Isso porque, na verdade, trata-se de uma novela fake, que não foi escrita por Glória Perez, com estrelas como Jade Picon, Davi Brito, Giovanna Antonelli, Manu Gavassi e Rodrigo Faro. A produção é muito bem elaborada, com abertura, encerramento, suposto estúdio de gravação e até teaser. Sendo assim, “Pé de Chinesa” repercutiu nas redes e confundiu diversos internautas que acreditaram que a novela era verdadeira. (Paula, 2024, on-line).

O conceito de interdiscurso, em Eni Orlandi (2009), é novamente útil para compreender como “Pé de Chinesa” foi assimilada e viralizada com facilidade: a narrativa dialogava diretamente com repertórios culturais pré-existentes, ativando associações já enraizadas no imaginário midiático brasileiro. Assim, a verossimilhança não emergiu da evidência factual, mas da ressonância simbólica. Essa ancoragem discursiva facilitou a assimilação rápida da narrativa no espaço público digital.

Este fenômeno corrobora ainda a crítica de Andrew Keen (2009) sobre a ilusão da democracia digital; pois, para o autor, a internet não promoveu necessariamente o acesso qualificado à informação, mas reforçou um sistema no qual a viralização, e não a veracidade, se tornou o principal critério de validação. No caso de “Pé de Chinesa”, a narrativa foi continuamente modificada e ampliada pela participação ativa dos usuários, em um processo de coautoria digital que exemplifica como práticas colaborativas podem consolidar narrativas fabricadas.

O caso de “Pé de Chinesa” ilustra, assim, como a validação discursiva na era digital não decorre primordialmente da correspondência a fatos verificáveis, mas da capacidade de um enunciado tornar-se recorrente, ressonante e afetivamente mobilizador em uma sociedade hiperconectada. A multiplicação de narrativas sintéticas, fomentada por tecnologias como a inteligência artificial e potencializada pela lógica algorítmica, compromete não somente a credibilidade da informação, mas também ameaça seriamente a preservação da memória histórica crítica.

Nesse mesmo sentido, Vitor Blotta e Eugênio Bucci (2025) argumentam que a desinformação atua como vetor de corrosão da esfera pública deliberativa, e que os debates sobre regulação devem partir do reconhecimento de que há uma assimetria estrutural entre o poder algorítmico e a autonomia cidadã. Para os autores, proteger a democracia envolve tanto o combate à desinformação quanto a defesa do espaço público plural e verificável.

O fenômeno evidencia, portanto, que a validação discursiva na era digital não decorre da correspondência com fatos verificáveis, mas da capacidade de um enunciado mobilizar afetos e tornar-se recorrente em um ambiente hiperconectado. Como alerta Byung-Chul Han (2022), na infocracia, a distinção entre o real e o fabricado se dissolve: a realidade é consumida como representação manipulável.

Nesse cenário, impõe-se uma revisão crítica dos parâmetros metodológicos da historiografia digital. A multiplicação de registros hiper-realistas, viabilizada pela inteligência artificial e pelos *deepfakes*, exige abordagens rigorosas de curadoria, autenticação de fontes e regulamentação do uso de tecnologias de manipulação audiovisual. Em um artigo que trata de contextos eleitorais, Cláudio de Mello Tavares (2024) chama atenção para os riscos concretos que o uso de *deepfakes* e inteligência artificial, uma vez que essas tecnologias ampliam a capacidade de manipulação perceptiva em tempo real, desafiando os mecanismos tradicionais de checagem de fatos e integridade das informações públicas.

Neste sentido, a crescente sofisticação da manipulação digital deve ser trazida ao centro das discussões da sociedade. Como analisa Lucas Fucci Amato (2021), a regulação estatal tradicional pode ser insuficiente diante da velocidade e capilaridade da desinformação nas plataformas. Por isso, o autor propõe uma metarregulação que envolva o poder público, o setor privado e a sociedade civil na construção de parâmetros éticos e operacionais para o ecossistema informacional.

O caso demonstra, portanto, que a validação discursiva na era digital não depende de fatos verificáveis, mas da capacidade de um enunciado mobilizar afetos e se tornar recorrente. Como sintetiza

Han (2022), na infocracia, a distinção entre real e fabricado se dissolve: a realidade é consumida como representação manipulável. Diante disso, a historiografia digital precisa de protocolos robustos de curadoria, autenticação de fontes e regulamentação tecnológica, para preservar a integridade histórica em um ambiente dominado pela lógica algorítmica e pela circulação emocional.

## 5 CONCLUSÃO

O caso de “Pé de Chinesa” evidencia que a disseminação de narrativas fabricadas não é um fenômeno pontual, mas um sintoma de transformações estruturais na circulação de informação e na própria construção da memória coletiva. A telenovela inexistente, concebida em um processo de coautoria digital e amplificada por inteligência artificial, *deepfakes* e pela lógica algorítmica das plataformas, conquistou um estatuto de verossimilhança que não dependeu de fatos, mas da capacidade de mobilizar afetos, explorar repertórios culturais reconhecíveis e se reiterar incessantemente nas redes. Essa dinâmica expõe uma mutação nos critérios de validação social: a verdade deixa de ser um referencial estável e passa a ser substituída pela recorrência, pela visibilidade e pelo engajamento emocional.

Essa mutação exige uma reflexão profunda sobre o papel da historiografia digital. Mais do que reagir a cada novo episódio de desinformação, é necessário que a disciplina assuma uma postura estratégica e proativa, formulando ferramentas e métodos para atuar em um cenário dominado por simulações e narrativas fabricadas. Isso implica consolidar protocolos de curadoria e autenticação digital, capazes de atestar a origem e a integridade de documentos e imagens; criar bases de dados auditáveis para registro e preservação de conteúdos confiáveis; implementar sistemas de rotulagem e certificação de autenticidade, capazes de alertar sobre manipulações; e investir em programas de educação midiática, para que tanto historiadores quanto o público em geral adquiram competências críticas para avaliar conteúdos em ambientes digitais saturados.

A resposta também passa pelo diálogo interdisciplinar. A historiografia digital precisa articular-se com a ciência da computação, o jornalismo, o direito e a sociologia, colaborando na criação de padrões éticos e parâmetros técnicos para o uso de IA generativa, *deepfakes* e outras tecnologias emergentes. Essa cooperação pode resultar em soluções como arquivos digitais verificáveis em blockchain, ferramentas de monitoramento em tempo real e protocolos legais para responsabilização de plataformas que lucram com a desinformação.

Entretanto, como advertem Blotta e Bucci (2025), o problema vai além de conteúdos falsos isolados: a desinformação já constitui uma “ordem desinformativa”, um ecossistema projetado para corroer a confiança pública, deslegitimar o jornalismo e a academia e fragilizar a própria esfera pública democrática. O caso de “Pé de Chinesa” ilustra, em escala cultural, como a simulação se naturaliza e passa a ser consumida como realidade, borrando as fronteiras entre entretenimento, fato e ficção.

Nesse cenário, a historiografia digital não pode ser apenas uma adaptação tecnológica; deve se afirmar como prática crítica de resistência e reconstrução da memória coletiva, reafirmando seu compromisso com a análise rigorosa, a produção de narrativas contextualizadas e a defesa da inte-

gridade histórica. Somente com protocolos sólidos, metodologias inovadoras de curadoria e autenticação, educação midiática abrangente e articulação interdisciplinar será possível preservar o papel da História como instrumento de compreensão do passado, orientação para o presente e horizonte de reflexão para o futuro, em meio às turbulências informacionais da contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Valéria. Quem criou “Pé de Chinesa”? Saiba a verdade por trás da novela fake que viralizou na web. **Terra**, 1 set. 2024. Disponível em: [https://www.terra.com.br/diversao/quem-criou-pe-de-chinesa-saiba-a-verdade-por-tras-da-novela-fake-que-viralizou-na-web,ca174b1d37a5b85830adab2ebc6766896fxwdzhg.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/diversao/quem-criou-pe-de-chinesa-saiba-a-verdade-por-tras-da-novela-fake-que-viralizou-na-web,ca174b1d37a5b85830adab2ebc6766896fxwdzhg.html?utm_source=clipboard). Acesso em: 26 mar. 2025.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: do conhecimento à política. Tradução Rita Espanha. /n: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo. **A sociedade em rede**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006. p. 17-30.

FRANÇA, Felipe. Gloria Perez abre o jogo sobre próxima novela com Jade Picon: ‘Criativos’. **Caras**, 14 ago. 2024. Disponível em <https://caras.com.br/novelas/gloria-perez-abre-o-jogo-sobre-proxima-novela-com-jade-picon-criativos.phtml>. Acesso em: 26 jan. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista Famecos**, v. 27, n. 1, p. e34074-e34074, 2020.

KEEN, Andrew. **O culto do amador**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. Tradução de Claudio Marcondes. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PAULA, Ana Beatriz de. “Pé de Chinesa”: entenda a novela fake que viralizou nas redes sociais. **Terra**, 30 ago. 2024. Disponível em [https://www.terra.com.br/diversao/pe-de-chinesa-entenda-a-novela-fake-que-viralizou-nas-redes-sociais,06326d807e108a9a724a2cb60b3c5421ws5bzrcf.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/diversao/pe-de-chinesa-entenda-a-novela-fake-que-viralizou-nas-redes-sociais,06326d807e108a9a724a2cb60b3c5421ws5bzrcf.html?utm_source=clipboard). Acesso em: 26 jan. 2025.

PAZIN, Arthur. “Pé de Chinesa”: A tecnologia fez a carta do leitor virar manchete! **Caras**, 28 ago. 2024. Disponível em <https://caras.com.br/tv/pe-de-chinesa-a-tecnologia-fez-carta-do-leitor- virar-manchete.phtml>. Acesso em: 26 jan. 2025.

PRADO, Giliard da Silva. Por uma história digital: o ofício de historiador na era da internet. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 34, e0201, set./dez. 2021.

REDAÇÃO DO G1. Novela fake viraliza com Jade Picon e Davi Brito e vira meme; entenda brincadeira da ‘Pé de Chinesa’. **G1**. 28 ago. 2024. Disponível em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/08/28/novela-fake-viraliza-com-jade-picon-e-davi-brito-e-vira-meme-entenda-brincadeira-da-pe-de-chinesa.ghtml>. Acesso em 26 jan. 2025.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

SIM, Stuart. **Post-truth, scepticism & power**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

SOUZA, Ludmila. “Pé de Chinesa”: O que é e como surgiu a novela fake que bombou na web. **Quem**, 28 ago. 2024. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/noticias/trend/noticia/2024/08/pe-de-chinesa-o-que-e-e-como-surgiu-a-novela-fake-que-bombou-na-web.ghtml>. Acesso em 26 jan. 2025.

TAVARES, Claudio de Mello. Inteligência Artificial e Deepfakes. Desafios Jurídicos e Tecnológicos para a integridade do processo democrático e as implicações para as Eleições Municipais de 2024. **Revista Justiça Eleitoral em Debate**. v. 14, n.1, p. 49-58, 2024.

---

**Recebido em:** 1 de Maio de 2025

**Avaliado em:** 19 de Julho de 2025

**Aceito em:** 5 de Setembro de 2025

---



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2025 Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

---

1 Doutor em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4350-0967>. E-mail: [profdiogo.psilva@gmail.com](mailto:profdiogo.psilva@gmail.com)

